



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 15 de Outubro de 1997

O culto da Bem-aventurada Virgem

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

1. «Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher...» (Gl 4, 4). O culto mariano funda-se sobre a admirável decisão divina de ligar para sempre, como recorda o apóstolo Paulo, a identidade humana do Filho de Deus a uma mulher, Maria de Nazaré.

O mistério da maternidade divina e da cooperação de Maria na obra redentora suscita nos crentes de todos os tempos uma atitude de louvor, quer para com o Salvador quer Àquela que O gerou no tempo, cooperando assim na redenção.

Um ulterior motivo de reconhecido amor pela Bem-aventurada Virgem é oferecido pela sua maternidade universal. Ao escolhê-la como Mãe da humanidade inteira, o Pai celeste quis revelar a dimensão, por assim dizer materna, da Sua ternura divina e da Sua solicitude pelos homens de todas as épocas.

No Calvário, Jesus com as palavras: «Eis aí o teu filho», «Eis aí a tua mãe» (Jo 19, 26-27), dava Maria já antecipadamente a todos aqueles que haveriam de receber a boa nova da salvação e estabelecia assim as premissas do Seu afecto filial por Ela. Seguindo João, os cristãos prolongariam, com o culto, o amor de Cristo pela Sua mãe, acolhendo-a na própria vida.

2. Os textos evangélicos dão testemunho da presença do culto mariano desde os primórdios da Igreja. Os dois primeiros capítulos do Evangelho de São Lucas parecem recolher a atenção particular dos judeus cristãos para com a Mãe de Jesus, os quais manifestavam o seu apreço por Ela e conservavam ciosamente as suas memórias.

Nas narrações da infância, além disso, podemos captar as expressões iniciais e as motivações do culto mariano, sintetizadas nas exclamações de Isabel: «Bendita és tu entre as mulheres... Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor!» (*Lc* 1, 42.45).

Traços de uma veneração já difundida na primeira comunidade cristã estão presentes no cântico do Magnificat: «Todas as gerações me hão-de chamar ditosa » (*Lc* 1, 48). Ao colocar nos lábios de Maria essa expressão, os cristãos reconheciam- lhe uma grandeza singular, que haveria de ser proclamada até ao fim do mundo.

Além disso, os testemunhos evangélicos (cf. *Lc* 1, 34-35; *Mt* 1, 23 e *Jo* 1, 13), as primeiras fórmulas de fé e uma passagem de Santo Inácio de Antioquia (cf. *Smirn.* 1, 2: SC 10, 155), confirmam a particular admiração das primeiras comunidades pela virgindade de Maria, intimamente ligada ao mistério da Encarnação.

O Evangelho de João, indicando a presença de Maria no início e no fim da vida pública do Filho, deixa supor entre os primeiros cristãos uma consciência viva do papel exercido por Maria na obra da Redenção, em plena dependência de amor por Cristo.

3. O Concílio Vaticano II, ao ressaltar o carácter particular do culto mariano, afirma: «Exaltada por graça do Senhor e colocada, logo a seguir a seu Filho, acima de todos os anjos e homens, Maria que, como mãe santíssima de Deus, tomou parte nos mistérios de Cristo, é com razão venerada pela Igreja com culto especial» (*LG*, 66).

Ao aludir, depois, à oração mariana do terceiro século «Sub tuum praesidium » — «Sob a tua protecção» —, acrescenta que essa peculiaridade emerge desde o início: «Na verdade, a Santíssima Virgem é, desde os tempos mais antigos, honrada com o título de Mãe de Deus, e sob a sua protecção se acolhem os fiéis, em todos os perigos e necessidades » (*ibid.*).

4. Esta afirmação encontra confirmação na iconografia e na doutrina dos Padres da Igreja, desde o segundo século. Em Roma, nas catacumbas de Priscila, é possível admirar a primeira representação de Nossa Senhora com o Menino, enquanto no mesmo tempo São Justino e Santo Ireneu falam de Maria como da nova Eva que, com a fé e a obediência, repara a incredulidade e a desobediência da primeira mulher. Segundo o Bispo de Lião, não era suficiente que Adão fosse resgatado em Cristo, mas «era justo e necessário que Eva fosse restaurada em Maria» (*Dem.*, 33). Ele sublinha desse modo a importância da mulher na obra de salvação e põe como fundamento aquela inseparabilidade entre o culto mariano e o culto atribuído a Jesus, que percorrerá os séculos cristãos.

5. O culto mariano expressou-se inicialmente na invocação de Maria como «Theotokos», título que teve confirmação autorizada, depois da crise nestoriana, pelo Concílio de Éfeso que se

realizou no ano 431.

A mesma reacção popular à posição ambígua e oscilante de Nestório, que chegou a negar a maternidade divina de Maria, e o sucessivo acolhimento jubiloso das decisões do Sínodo Efésio confirmam a radicação do culto da Virgem entre os cristãos. Todavia, «foi sobretudo a partir do Concílio de Éfeso que o culto do Povo de Deus para com Maria cresceu admiravelmente, na veneração e no amor, na invocação e na imitação...» (LG, 66). Ele expressou-se de modo especial nas festas litúrgicas, entre as quais, desde o início do século V, assumiu particular relevo «o dia de Maria Theotokos», celebrado a 15 de Agosto em Jerusalém e que se tornou sucessivamente a festa da «Dormitio» ou da Assunção.

Sob a influência do «Protoevangelho de Tiago» foram, além disso, instituídas as festas da Natividade, da Conceição e da Apresentação, que contribuíram de maneira notável para evidenciar alguns importantes aspectos do mistério de Maria.

6. Podemos bem dizer que o culto mariano se desenvolveu até aos nossos dias em admirável continuidade, alternando-se períodos florescentes e períodos críticos que, contudo, tiveram muitas vezes o mérito de promover ainda mais a sua renovação. Após o Concílio Vaticano II, o culto mariano parece destinado a desenvolver-se em harmonia com o aprofundamento do mistério da Igreja e em diálogo com as culturas contemporâneas, para se arraigar sempre mais na fé e na vida do povo de Deus peregrino sobre a terra.

Saudações

Caríssimos Irmãos e Irmãs!

Saúdo os peregrinos de língua portuguesa que me escutam pela Rádio e pela Televisão, nomeadamente um grupo de visitantes brasileiros. Na recordação dos dias passados no Rio para o Encontro com as Famílias, faço votos de que haja sempre muita paz nos vossos lares, esforçando-vos por vencer qualquer resistência à reconciliação, ao respeito mútuo e ao amor fraterno. E que Deus vos abençoe!

Dirijo agora um pensamento especial aos Jovens, aos Doentes e aos jovens Casais aqui presentes, e convido-os a dirigir o olhar a Santa Teresa de Ávila, cuja memória litúrgica hoje celebramos.

Caros jovens, o exemplo desta grande contemplativa constitua para vós um convite a revigorar cada dia o vosso espírito de oração.

A assídua meditação da Paixão de Cristo, que deu à Santa Teresa a força para superar todas as

provas, vos sustenha, queridos doentes, e vos torne capazes de oferecer a Deus, com ânimo generoso, o precioso sacrifício do sofrimento.

A intercessão de Santa Teresa ajude também vós, prezados jovens esposos, a viver a vossa vocação matrimonial tendo fixo o olhar em Jesus Cristo, único Salvador do mundo.

A todos a minha Bênção.

No final da Audiência geral, o Santo Padre assim se expressou sobre o «Dia mundial da eliminação da miséria», a celebrar-se a 17 de Outubro:

Depois de amanhã, 17 de Outubro, celebra-se o Dia mundial da eliminação da miséria. Nesta ocasião, renovo o meu apelo para que cada um se empenhe, segundo as próprias possibilidades, em eliminar as causas da miséria. Ninguém fique indiferente diante dos deserdados da vida! A Igreja, com grande respeito e afecto, está ao lado de quantos a pobreza priva da sua dignidade, da sua vida familiar, da possibilidade de receber uma educação e de ter um trabalho. São irmãos nossos que Cristo ama com particular predilecção. Eles esperam a nossa solidariedade concreta.